

# A grandiosa Igrejinha

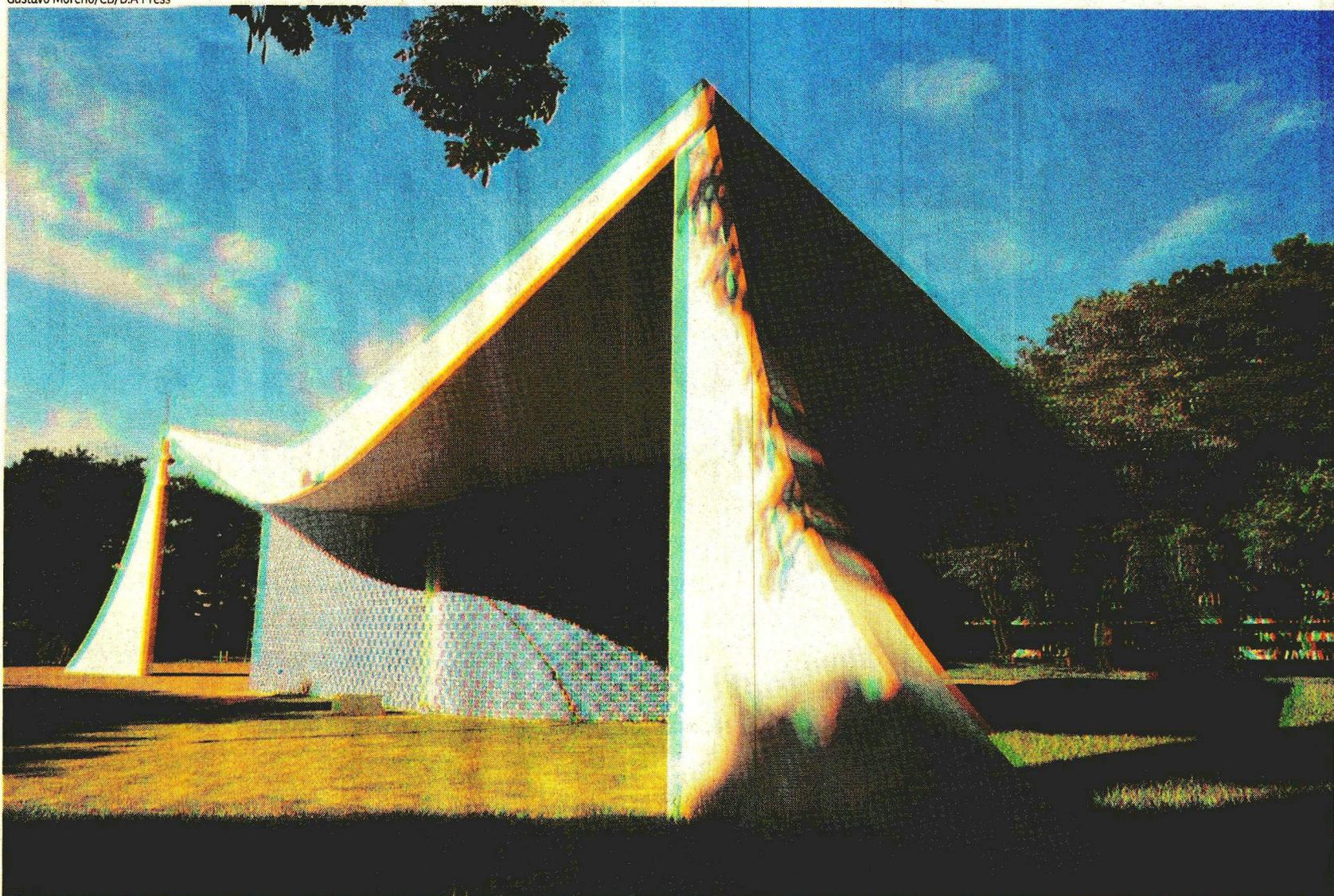
» ATAIDE DE ALMEIDA JR.

**E**la pode parecer pequena à primeira vista. São apenas 60 lugares nos bancos de madeira e 140 cadeiras colocadas até na porta. Mas, matematicamente, a Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima da 308 Sul é gigante. Se forem enfileiradas as contas de um terço rezadas, em média, por 60 pessoas, que frequentaram a missa da noite de domingo desde a inauguração, em 1958, até o fim do mês de março de 2011 — isso se cada uma tiver rezado pelo menos um terço e levando-se em consideração que cada conta tem um 1cm de largura — seria possível percorrer 733km, o equivalente a uma viagem de Brasília para Belo Horizonte (MG). Sem contar os anos bissextos, foram realizadas pelo menos 2.717 missas de domingo à noite na Igrejinha.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima viajou 8,6 mil km até chegar ao local. O prédio foi erguido em apenas 100 dias. Há aproximadamente 9,2 mil azulejos do artista Athos Bulcão nas paredes do local. Desse total, 60 peças foram destruídas em um incêndio em 2009. A troca das peças danificadas gerou um gasto de R\$ 300 mil.

Imensa também foi a inspiração de Oscar Niemeyer para desenhá-la. Sabe-se que uma freira da igreja católica deve usar as seguintes vestimentas ou paramentos, como é chamado o conjunto: limpel, um pano de linho que envolve o pescoço; o hábito do coro, que é a roupa em si; e o capuz. Foi nessa parte que cobre a cabeça das freiras que Niemeyer se inspirou para construir a Igrejinha — a pedido da ex-primeira dama Sarah Kubitschek. Mas não foi qualquer capuz. O local tem o formato de uma corneta, que é o chapéu utilizado pelas Vincentinas (as irmãs que fazem parte da Sociedade de São Vicente de Paulo). O adereço foi immortalizado pela atriz Sally Field no seriado *A noviça voadora*, mas, bem antes, foi utilizado por Santa Catarina de Labouré.

Grande ainda foi a polêmica com a substituição da pintura interna feita pelo artista italiano Alfredo



**“Quando olho as cores dos meus quadros, vejo o céu e a terra de Brasília e aí percebo que sou, na verdade, um artista do planalto”**

**Athos Bulcão**

Volpi pela produzida por Francisco Galeno. Após uma avaliação dos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), não havia com recuperar a obra de Volpi, desgastada pelo tempo. Por isso, chamaram Galeno para fazer novos painéis para o local. Nas paredes pintadas pelo artista piauiense, imagens geométricas representam as crianças e seus brinquedos. As cores fortes e a liberdade artística utilizada para a imagem da santa, pintada sem rosto, foram os motivos do embate.

Um grupo de 68 pessoas assinou um documento que foi entregue à procuradoria federal, que recomendou ao Iphan a suspensão das obras. No entanto, segundo o parecer técnico do Ministério Público Federal do DF, “as pinceladas de Galeno assemelham-se às de Volpi no movimento desencontrado. Foi, portanto, a escolha natural

do Iphan na intenção de resgatar a ambientação original da Igrejinha. Tanto a definição das diretrizes que guiaram as intervenções quanto a escolha do artista para a execução dos painéis encontram-se respaldadas pelas determinações constantes das Cartas Patrimoniais.”

“A alegria do Volpi era a mesma do Galeno. A santa do pintor italiano também não tinha rosto. Além disso, a pintura do Volpi está preservada, pois construíram uma parede falsa, na qual Galeno pintou. Quando alguém inventar uma tecnologia que consiga restaurar essa obra, a pintura estará lá”, explica Valéria Cabral, diretora executiva da Fundação Athos Bulcão. Nem todos os 1.366.398 católicos de Brasília, de acordo com o censo de 2000 do IBGE, ficaram felizes, mas isso é pouco para estragar a grandiosidade da igrejinha.